

AM BRAGA

O
LIVRO
DE
MATOS



DO AUTOR

O Livro De Matos

Fóton I: O Grande Maestro

Fóton II: O Muro de Cristal

Fóton III: Arte Celeste

Bruce, O Pênis Telepata

APRESENTAÇÃO

Após uma viagem no tempo, tomado por imensa força que emana de suas memórias revivificadas, Matos encontra-se com ele mesmo aos 4 anos de idade e busca um teclado para digitar sua grande experiência de “crescer de novo”.

Trata-se, portanto, de uma história narrada com muita energia e criatividade, embelezada pelas poesias que foram entoadas nos momentos em que Matos mergulhava nas profundezas do seu inconsciente.

Vale enfatizar que, embora a escrita tenha sido de Matos crescido, boa parte do livro não foi narrada por ele com sua mente de adulto, mas pelo adolescente e, principalmente, pela criança que ele foi; isso muda tudo – foram muitas as emoções materializadas neste exemplar.

PREFÁCIO

Uma tela branca pairava no ar, acima do lago diante Matos.

Matos estava mentalmente em seu refúgio, o “paraíso” que lhe dava abrigo e proteção, um lugar que ele havia projetado para ir encontrar-se com ele mesmo de tempos em tempos.

A tela era semelhante a uma de cinema, a mesma que ele viu quando estava no consultório de Amanda fazendo uma regressão no tempo, e não soube explicá-la sobre o filme que se projetava na tela.

E não foi à toa que ele não soube explicar o que estava acontecendo. As imagens eram rápidas demais, às vezes fragmentadas, nem sempre seguindo uma ordem cronológica. Pareciam centenas de grãos de milho, oriundos de diversas espigas, colhidos em vários milharais, sendo arremessados aleatoriamente numa tampa de vidro de uma pipoqueira.

Na ocasião, Matos queria muito ver o filme, mas não conseguia, sua pipoqueira mental estava aquecida demais. No entanto, pôde perceber que cada uma daquelas imagens estava lhe entregando uma imensa quantidade de energia.

Matos ficou fascinado, eram as suas lembranças sendo revivificadas. Diversas experiências acumuladas ao longo da vida estavam acordando de uma só vez, causando-lhe imensa emoção, fazendo-o querer rir, mesmo com os olhos lavados em lágrimas.

No entanto, Matos não estava agora deitado em um consultório com os olhos trêmulos, impossibilitado de explicar o que via na tela, sem o controle da situação. Agora, Matos estava sentado à mesa, diante de um processador de textos, com os dedos no teclado.

Ainda mentalmente naquele abrigo, Matos sentiu uma lufada de vento batendo em suas costas, passando por ele, seguindo adiante.

No local onde estava o seu corpo físico, havia um aparelho circulando o ar. No entanto, ao invés de querer saber de onde aquele vento que surgiu em seu paraíso vinha, quis saber o que queria; ou melhor, quis saber o que ele, Matos, poderia fazer aquele vento querer.

Matos foi atrás do vento e, quando deu por si, já estava entrando na tela que flutuava acima do lago. Depois que o branco da tela se desfez, Matos estava pairando no ar, numa altitude elevada, olhando para frente, vendo o sol no horizonte incendiando as nuvens esparsas que levitavam na borda do céu, embelezando o firmamento com um incrível degradê de cores vivas.

Ele não sabia se era alvorada ou crepúsculo vespertino, mas a brisa que incidia em suas costas seguindo

adiante lhe fez pensar nas últimas horas do dia descendo no horizonte como uma imensa cachoeira silenciosa.

Extasiado, Matos olhou para baixo, viu o topo de uma árvore. Desceu em direção às suas folhas e, à medida que passava por entre os galhos, a criança que tanto o aguardava foi aparecendo...

Matos posicionou os dedos no teclado e pôs-se a escrever.

Capítulo 1

O sol já estava para se pôr, quando um menino de 4 anos brincava com seu ratinho de jiló sob a sombra de uma goiabeira no quintal de sua casa.

A noite estava aos poucos se instalando. No horizonte, a bainha rendada de nuvens esparsas ainda estava em brasa, mas logo se apagaria; o sol seguia para iluminar outra casa.

Um vento, impregnado com o odor característico, passava e repassava, fazendo a goiabeira curvar-se em todas as direções, emitindo a sonoridade própria de seus galhos e folhas que se fortaleciam no atrito do ar em enérgico movimento local.

O odor predominante que o envolvia, não lhe era agradável. Não provinha de lindas flores em desabrochares espetaculares que impressionam os sentidos e encantam o coração. Tampouco de campos verdejantes, lírios, eucaliptos ou capim-limão..., mas sim, de uma vala negra, fétida, que corria aberta, como se isso fosse normal, contornando a humilde casa que se erguia naquele quintal.

Ilhado em águas turvas, repulsivas e contaminadas, mas com abundante diversidade de vida que se enriquecia nos nutrientes dos dejetos orgânicos lançados a qualquer hora do dia, ele ainda não se conhecia, não sabia quem era e o que seria na vida quando crescesse e amadurecesse.

Enquanto isso, ele apenas brincava com o que tinha e da forma que podia. Normalmente com seus ratiños, sentado no chão de terra batida, usando gravetos e folhas secas para criar histórias, ao abrigo da pequena goiabeira que, na margem da vala, crescia rápido e muito sadia.

Um dos cômodos da casa onde morava fora transformado numa birosca, um pequeno bar onde sua mãe comercializava alguns alimentos e bebidas para manter a família.

Seu quintal era campo de concentração de muitos alcoólatras e moribundos que por lá passavam para pedir uma dose. Uns saíam cambaleantes pelo caminho; outros, caíam no chão de tão bêbados; mas também havia aqueles que eram carregados por seus amigos de copo para as suas casas e, dentre esses, estava meu pai, voltando de outros bares.

Sim, meu pai, porque esse menino de 4 anos sou eu.

Capítulo 2

Eu era uma criança tipicamente “desligada”; daquelas por quem os adultos chamam, mas ela não ouve; pedem, mas ela não atende; gritam, e ela finge que olha...

Isso gerava irritação e preocupação nos adultos que não entendiam por que eu era assim. No entanto, o que eles não sabiam é que, na maior parte do tempo, eu não estava na terra, eu estava no céu.

Minha mãe era uma pessoa muito religiosa e sempre me levava à igreja para receber os ensinamentos com ela. Acho que ela não ficaria satisfeita se alguém a chamasse simplesmente de “religiosa”, ela dizia ser muito mais que isso: lavada e remida no sangue de Jesus. Era uma cristã fervorosa que frequentava uma igreja que havia no bairro onde morávamos.

Enquanto eu ouvia as histórias e os ensinamentos que recebíamos, eu os desenhava num painel mental, os desenhos ganhavam vida pelas emoções que em mim eclodiam, e um filme surgia para ser arquivado no *HD* cerebral. Depois era só apertar o *play* para dar um pulinho no céu, ou em algum outro lugar.

O céu era divulgado como um lugar muito desejado: ruas de ouro, muros de cristal, campos verdejantes, anjos reluzentes, arcanjos, serafins... Enfim, eram todos muito ricos, sempre usando coroas repletas de pedras preciosas, e ninguém passava fome por lá.

No entanto, havia um “porém”; infelizmente, o céu não era para todos, era apenas para o “povo escolhido”.

Quem não fizesse parte desse seleto grupo e, portanto, não fosse “filho de Deus”, não iria para o céu, iria para o inferno mergulhar eternamente no lago que arde com fogo e enxofre.

É claro que eu também queria ser um *escolhido*, não queria sofrer eternamente naquele lugar, mas ficava confuso diante dos outros, os chamados ímpios, que iam para o inferno.

Não sei se é porque eu ficava confuso diante da situação dos ímpios, ou se era por causa da divulgação mais intensa do inferno e dos finais dos tempos apocalíptico em contraste com o acanhado paraíso e o arrebatamento do povo escolhido, mas, nas vezes em que eu ia para o céu, eu normalmente levava o inferno comigo.

Eu também não entendia por que os muros do céu eram de cristais, assim, tão transparentes...

Para ser mais exato, esse muro de cristal me deixava em pânico, eu não sabia de que lado do muro eu queria estar.

Quando eu ia para o céu e me via ao lado da minha querida mamãe no lado de dentro, eu olhava pelo muro e via meu pai do lado de fora. Ao ver meu pai do outro lado, sofrendo, angustiado, sem saber o que fazer, eu entrava em choque. Rapidamente me projetava para estar ao seu lado para consolá-lo, lhe fazer companhia... No entanto, quando eu assim procedia, via minha mãe do lado de dentro se afastando, como se estivesse esquecendo de mim...

Eu não sabia onde ficar, nem o que fazer para solucionar esse conflito. Como que eu ia ficar feliz no céu, ao lado da minha mãe, vendo o meu pai do lado de fora? Eu entrava em pânico, retornava dessa viagem como quem acorda de um terrível pesadelo, corria até ela, puxava sua saia, e começava a chorar:

– Eu quero que meu papai vá para o céu também, mamãe, eu quero!

Ela era surpreendida e logo se emocionava:

– Peça a papai do céu para salvá-lo que papai do céu vai atender, meu filho.

Em certa ocasião, depois de aliviar a tensão chorando e estar mais confiante de que papai do céu salvaria meu papai da terra, eu voltei ao paraíso e imaginei meu pai comigo do lado de dentro, desejando intensamente que ele gostasse e ficasse feliz ao meu lado. Assim, quando retornássemos de lá, pensei, *ele vai lembrar e vai se esforçar, vai parar de beber, vai querer ir para o céu com a gente depois que morrer!*

Eu não tirava os olhos dele, queria muito vê-lo feliz ao meu lado, mas ele não sorria, nem olhava para mim.

Eu continuei tentando chamar sua atenção, desprendendo muita energia na esperança que eu alimentava, mas ele agia como se eu não estivesse ali ao seu lado. Ao invés de olhar para mim, ele só olhava para o muro...

Eu achei que do outro lado do muro estavam as coisas que ele gostava, as bebidas, os amigos, o cigarro... Eu me senti desprezado, com menos importância que as coisas que estavam do outro lado; olhei para ele e o implorei, dizendo assim:

– Pai, olha para mim! Olha para mim, papai!

Mas nem assim ele olhou para mim.

Eu não sabia por que ele estava agindo desse jeito, se era ele ou eu que estava fazendo as coisas acontecerem assim, mas fiquei frustrado por não receber sua tão preciosa atenção.

No entanto, como ele só olhava para o muro, eu fui induzido a olhar também. Mas quando eu olhei...

Não havia só o que eu imaginava, aquelas coisas erradas que a Igreja não gostava, havia uma multidão de pessoas desesperadas do lado de fora, tacando pedras, gritando apavoradas, surrando os muros, completamente angustiadas por não terem feito o que deveria para entrar no céu, para entrarem na “festa”, que era a caráter.

As pessoas do lado de dentro estavam usando roupas bonitas, longas, algumas arrastando no chão. Mas

do lado de fora elas estavam descalças, malvestidas, machucadas, com feridas abertas...

Eu não soube o que fazer para ajudá-las. Como que eu poderia fazer alguma coisa? Eu era só uma criança! Eu fiquei na esperança de aparecer alguém no portão de entrada para distribuírem as roupas para eles vestirem também e poderem entrar, mas isso não aconteceu.

Eu não me conformei com o que vi, não apareceu ninguém piedoso para socorrer os ímpios, os impiedosos. Lembrei do que diziam que Deus ia falar:

“Agora já é tarde demais! Os portões já foram fechados, e não haverá outra chance!”

Comecei a soluçar, retornei na velocidade da luz, procurei minha mãe, agarrei-me em sua saia, comecei a chorar...

Eu não conseguia controlar a dor me corroendo,
Tampouco explicar o que estava acontecendo.

Eu fiquei mudo...

Eu não estava cego,
Não estava surdo,
Mas parecia que me faltava tudo.

Senti-me doente,
O coração enfermo,

Pelo desprazer de estar no céu
Com os olhos colados no inferno.

Alguns me diziam para não pensar em coisas ruins, em monstros ou no diabo, para não ficar com medo na hora de dormir. Mas eu já enfrentava o medo, não tinha mais medo do escuro..., apenas me sentia incomodado com as histórias pesadas que me faziam sentir raiva; que rapidamente poderia se transformar em ódio, muito ódio do diabo que adorava minha raiva.

Minha mãe dizia que o inferno ficava em algum lugar embaixo ou no centro da terra, mas eu não acreditava. Meu pai dizia que tudo isso era bobagem, que o inferno não existia, que era tudo uma grande ilusão, e eu também não acreditava...

Eles não viam claramente, mas o inferno é real!

Basta olhar, o inferno está lá,
No outro lado,
No muro de cristal...

Capítulo 3

Meu pai era uma pessoa que se enfraquecia no meio em que buscou viver, e o meio se fortalecia nele. Era a típica pessoa de espírito fraco, que se entrega aos excessos, e nunca se priva em prol da família ou de algum ideal enriquecedor em benefício de si.

Tratado como filho único de uma família de classe média espelhada na alta, meu pai foi criado com muitos caprichos e facilidades.

Após a morte da sua mãe, ele ainda com oito anos de idade, não lhe faltaram pessoas para enchê-lo de agrados, fazendo todas as suas vontades; sempre a pretexto da bondade.

A tristeza que ele sentiu ao perder sua mãe cresceu dentro dele, principalmente depois que ele percebeu que podia usá-la como uma arma poderosa o suficiente para desarmar todos aqueles que com ele se relacionavam, sem perceber que, agindo assim, estaria se tornando um dependente da própria tristeza para viver.

O próprio pai, meu avô Daniel, colaborava para que a arma do filho estivesse sempre carregada, pronta para ser usada. Como? Dizendo ao filho que ele não pre-

cisava aprender o que não sabia, incluindo aquelas coisas chatas que nos ensinam a cuidar de nós mesmos.

Pois é, meu avô acreditava que seu filhinho já havia sofrido muito e que não precisava se expor a mais sacrifícios na vida – ainda que ela só estivesse começando.

Mas que pai é esse que cultiva a tristeza instalada no peito do próprio filho para que ele continue plantando, em fértil terreno que é, a semente do comodismo na própria inutilidade, que, por si, já é a semente do mal?

Matos percebeu que estava sendo muito fiel ao que a criança lhe narrava por meio dos seus sentimentos. Resolveu então interagir com ela para entender melhor o que estava escrevendo.

– Você diria essas coisas ao seu avô?

– Não com palavras..., mas é claro que eu diria!

– Como você chegou a essas conclusões?

Matos sabia que a interpretação dos fatos poderia ser bem diferente, principalmente se tivesse conhecido o seu avô ou se colocado no lugar dele, mas também não queria conter a criança que estava lhe enchendo de emoções.

Ela foi direto ao ponto.

– Baseando-me no que falavam sobre ele, enquanto *eu* sofria as consequências! O filhinho dele cresceu e virou meu pai, esqueceu?

A criança ainda estava muito imatura para que Matos fizesse novas análises, em outros pontos de vista, deixou então que a história corresse.

Pois é, o tempo passou, o filhinho dele cresceu, e agora ninguém mais queria saber de um adulto insequente e irresponsável que tinha uma família para cuidar!

Ele já não era mais aquela criança bonitinha que precisava fazer tudo o que queria para não ficar tristinha, mas sim, um marmanjo que pesava no bolso, trazia preocupações e ocasionava desgastes!

Agora, sem valor de mercado, irritava por ainda querer usar fraldas e receber comidinha na boca. Gostaria de adotá-lo?

Capítulo 4

Minha mãe era uma mulher dedicada ao lar, devota dos filhos e fiel à pessoa com quem decidira se casar. Não se identificava com o meio em que vivia, mas nele ela se burilava e se lapidava, tornando-se mais linda a cada dia. Era a típica pessoa de espírito forte, daquelas que não corre da luta, priva-se em prol da família e se esforça na construção do ideal de vida almejado – era assim que ela era, era assim que eu a via; era assim que eu precisava vê-la.

(...)

Gostou desta amostra? Lembre-se, este trecho é apenas o início. À medida que você avançar pelo livro e a criança que narra os fatos for crescendo, muitas surpresas lhe ocorrerão.

O Livro De Matos é um livro que você lê como se estivesse ouvindo música! Sua linguagem, focada na beleza da simplicidade para lidar com ideias mais complexas, flexível como tem que ser para a leitura fluir, é muito enriquecida pelas poesias que brotam no texto, conferindo-lhe diversas camadas de leitura, onde reflexões mais profundas são abordadas de forma inusitada.

Indagado sobre a obra, Matos responde:

“Este livro desabou sobre mim como uma chuva incandescente e torrencial, despertando-me outros sentidos, trazendo-me novas experiências, em outros níveis de consciência e de realidade. Eu fiquei fascinado.”

Encaminhe este trecho para seus amigos, eles vão adorar ler o livro.

Para opções de compra e saber mais sobre os outros livros, visite o site do autor:

ambraga.com.br